

repetidas vezes, de episódios reveladores de grande capacidade, energia e correção.

Nos prélios da inteligência e na aplicação aos misteres do seu ofício, era quase invariavelmente o PRIMUS INTER PARES.

Snrs., essas façanhas inauditas da vida de Carneiro e tantas outras que a exiguidade do tempo nos inibe de registrar, não significam que ele fosse impelido ou arrastado pela ambição de receber a recompensa pelo seu procedimento invulgar; mas, simplesmente o regozijo de cumprir o seu dever e a alegria de satisfazer os elevados e nobres impulsos de sua alma de soldado e patriota.

Falando-nos a seu respeito, disse o ilustre e íntegro Marechal Alberto de Abreu: “O que caracterizava, principalmente, o caráter de Carneiro era a intransigência associada à altivez de quem vale muito e tem consciência do seu valor”.

Em todos os relevantes sucessos de sua vida, patenteia-se claramente o substrato de uma personalidade que se extrema por uma nobreza inconfundível e por uma integridade sem jaça. Ele era grande, em suma, porque dava naturalmente expansão aos seus insignes sentimentos patrióticos, e não porque tivesse os olhos voltados para os proventos que a cobiça impulsiona o aventureiro a conquistar.

APRESTOS PARA O CERCO

Carneiro já havia assumido o comando supremo das forças militares que operavam ao sul do Paraná, quando, a 15 de janeiro de 1.894, foram vistos, nas cercanias desta cidade, vários piquetes da força federalista em movimento desordenado e inexplicável.

No dia 16, a agitação e a correria dos famosos ginetes gaúchos tornaram-se mais notáveis, fazendo-nos supor que os revolucionários tivessem recebido notícia segura da

aproximação do reforço que Carneiro, ansioso, esperava do norte ou do sul, para onde enviara emissários de inteira confiança.

Pura ilusão! Todo aquele movimento febril e inopinado, que se assemelhava aos aprestos para o êxodo, outra coisa não era que as derradeiras manobras destinadas a guarnecer a Lapa, que ficava, desde então, completamente sitiada e encarcerada entre essas fortes elevações do solo, para que a carnificina fosse executada com maior facilidade e menor perigo.

E, assim, dentro de um cerco que dia a dia mais se estreitava e mais angustioso se tornava, graças à deficiência de munições e de pessoal, e em virtude da falência de esperança no almejado reforço tantas vezes solicitado, pelejaram os bravos de Carneiro durante 26 dias, com tal bizarria, com tal afinco e audácia, que até aos próprios adversários causaram assombro.

Carneiro cercado de uma aureola de bondade e de denodo, que o tornava o ídolo dos combatentes, aparecia em toda parte, - animando, estimulando, elogiando, para que ninguém esmorecesse no embate.

No dia 7 de Fevereiro, às 6 horas da manhã, o troar de um canhão federalista anunciava o começo da refrega.

Carneiro e Lacerda percorriam os pontos mais vulneráveis, animando e incitando os soldados.

Constava que os sitiantes envidariam tudo para romper o cerco. Custasse o que custasse, blasonavam, nesse dia, a praça, até então inexpugnável, cairia em seu poder. Era a última tentativa.

Carneiro, calmo e iluminado de um fulgor sobre humano, não abandonava um instante os lutadores, que se sentiam invencíveis ao receber o influxo do seu grande chefe e amigo.

Informado, as 9 horas, de que a trincheira da rua da Bôa-Vista, junto à farmácia Westphalen, estava mais um vez abandonada, por ter sido exterminada a sua guarnição, lá correu, levando não só reforço de soldados, mas também o entusiasmo e a confiança que sempre inspirava a sua presença.

TRINCHEIRA DA RUA DA BÔA-VISTA, JUNTO À FARMÁCIA WESTPHALEN

Foi ali Snrs, que o prélio chegou ao mais impressionante e indizível paroxismo; foi ali que uma mesma bala fulminou um esforçado patriota e feriu gravemente um brioso oficial; foi ali que as facções beligerantes, em último arranco, se confundiram num entreverar truculento e feroz; foi ali que, por duas vezes, ficou a trincheira desguarnecida e, por duas vezes, briosos servidores da legalidade vieram oferecer os generosos peitos aos golpes do invasor, baqueando sorridentes, foi ali, em suma, que Carneiro, qual Judas Machabeu, no auge da peleja, animando os que lutavam, e

exaltando os que caíam para não mais se erguer, teve o rijo organismo varado, de lado a lado por uma bala de fuzil.

Que fatalidade, Snrs! Quando, cheio de civismo ardente, blindado de coragem indomável e inflexível, ele tomava todas as providências para que a vitória coroasse aquele inenarrável sacrifício dos sitiados, eis que uma bala certa atravessa aquele organismo que parecia invulnerável.

Ereto, estoico, sobranceiro, sem o menor queixume, sem uma imprecisão sequer, comprimindo, apenas, a sede do ferimento com aquela mão que uma bala paraguaia havia já deformado, pediu que o acompanhassem até a casa em que estávamos residindo.

E a todos os que o inquiram sobre o seu estado de saúde, ia para logo dizendo que o ferimento não tinha a menor importância, era simples contusão, e que breve estaria ao lado

dos bravos camaradas para festejar a vitória da legalidade, que seria a pascoa da República livre dos fariseus. Pediu-nos que o examinássemos e que, qualquer que fosse a intensidade do ferimento, dicéssemos a todos, invariavelmente, ser leve e sem a menor gravidade.

-Nesse momento, Snrs, o que se passava naquela trincheira onde canhões rugiam como panteras sanguisedentas, os fuzis explodiam tétricos, as balas detonavam mortíferas, era tal amalgama de ímpetos, de valentia, de bramidos e de cólera, que se não pode descrever o espetáculo medonho e pavoroso. Era o homem que se transformava em fera, era o soldado que espalhava o excídio e extermínio naquele pugilato homérico em que os ardegos combatentes se esfacelavam num ímpeto selvagem, abrasados de uma fúria insopitável.

Bravura de parte a parte, heroísmo de todos os lados, desapego à vida horivelmente

perturbador e caligante, - é que ali espadanava de todas as feridas a sangueira rutilante de intrépidos e valorosos filhos da mesma pátria heroica e gloriosa.

DEPOIMENTO DE UMA TESTEMUNHA

Apresentando-vos agora, uma fotografia tosca, sem o mínimo retoque mas muita expressiva, do que aí se passou, rendemos ao mesmo tempo saudoso preito ao Cel Líbero Guimarães que, com inexcedível dedicação, acompanhava a Carneiro, como um dos ajudantes de ordens.

Líbero Guimarães, em depoimento requisitado pelo Ministério da Guerra, assim relata, sem atavios, o que se deu na trincheira fatídica.

“Depois do triste acontecimento, o Cel. Lacerda, que pressuroso, se mostrava em todos os lugares onde se combatia, mandou vir um reforço, em socorro desse posto, seguindo para a casa do médico,

acompanhando ao Cel. Carneiro. O fogo continuava cerrado, produzindo mortandade em nossas forças, já muito resumidas. Nessa ocasião caiu, a meu lado, atravessado por uma bala, o 2º Tenente Lebon Regis, que não havia abandonado o seu posto na trincheira, erguendo vivas à República, ficando por essa razão sem comandante a boca de fogo, cuja guarnição estava então quase toda morta. Com o reforço pedido pelo Cel. Lacerda, veio o Cap. Sisson, que, tomando conta da peça, a carregou atirando contra a casa donde nos atacavam, conseguindo dar por esse meio tempo aos nossos soldados a arrombarem as portas e entrarem no prédio, travando-se dentro uma luta terrível, corpo a corpo, desbaratando-os completamente, ficando em nosso poder o único ponto que esta ainda oferecia resistência”...

Às 2 da tarde desse dia funesto e lúgubre, após 8 horas de fogo vivo e incessante, que transformara em vulcão esta cidade, os

sitiantes em verdade recuaram desorientados e assombrados de tanto denodo, deixando o campo coalhado de cadáveres.

Logo depois desse embate ciclópico, que glorificou a impavidez de tantos patriotas obscuros que tombaram galhardamente com o nome da legalidade na boca o Cel. Serra Martins procurou Carneiro e, narrando em entusiasmo a estonteante vitória dos sitiados, disse, com vivacidade e já pronto para se retirar: “Cel. Suas ordens?” Carneiro, com a máxima energia de que ainda era capaz, respondeu ato contínuo: - “A ordem é uma só – resistência, resistência a todo transe”.

Decorridos alguns instantes, chegou o Cel. J. Lacerda, e Carneiro, no leito de morte, recebeu-o prazenteiramente com esta frase, que vale por uma apoteose: “Eu tenho a glória de descobrir no Paraná um verdadeiro herói – o Cel. Lacerda”.

Era, de fato, esse inolvidável paranaense político de fino atilamento e vasto prestígio, lapiano de enorme influência, que conseguiu, sem dificuldade alguma, reunir nesta cidade um batalhão de patriotas destinados a defender a legalidade, os quais no cerco se bateram como legítimos e experimentados veteranos.

Sempre animado, sempre esperançoso e cheio de gratidão aos nossos cuidados e aos do seu esforçado enfermeiro o industrial José do Amaral, Carneiro não manifestou jamais a menor duvida quanto ao triunfo completo da causa que defendia, porque era a causa da lei.

Na mais rigorosa vigilância por parte dos sitiados e sob intermitentes disparos dos sitiantes, passaram-se os dias 7, 8 e 9 de Fevereiro, até às 19 horas, quando concitando sempre os camaradas a não abandonarem as trincheiras, expirou sem um gemido e sem uma contração que denotasse padecimento.

Assim também expirara, no dia anterior, o impertérrito Cel. Dulcidio Pereira.

Tendo desaparecido o meridiano que orientava aquela coletividade em constante agitação, havendo-se detido as irradiações da estrela polar que mantinha a harmonia e o ritmo naquela massa heterogênea e reduzida, não se encontrou caminho que não fosse dar na rendição. E lá nós fomos ter a 11 de Fevereiro de 94.

RELIGIOSO E LEGALISTA

Snrs. Carneiro, soube ser um espírito iluminado e culto, era religioso e disciplinado. Cria em Deus e acatava a lei. Repetidas vezes, de seus atos destilava a suavidade de uma crença religiosa profunda, mas sem alarde.

Era religioso, não fanático. O fanatismo é a penumbra que deforma o contorno dos fatos e turva a limpidez da verdade.

Carneiro tinha, pois dois cultos a que prestava sincera vassalagem: - A RELIGIÃO E A PÁTRIA.

O símbolo do primeiro era NOSSA SENHORA DO PATROCÍNIO, E O SEGUNDO ERA A LEI.

Se a lei, Snrs. fosse sabiamente cumprida, como ele pensava, e por ela os detentores de qualquer parcela do poder pautassem os seus atos, não a transformando em leito de Prócuro (...) para os díscolos e desafetos e em cama fofa para os apaniguados e amigos, a existência dos pequenos e a dos grandes correriam suavemente, sem reveses em atritos, e a sociedade não sofreria os danos e abalos da reação que a injustiça fatalmente desperta. A lei não é somente, como disse Colidge, no 6º Congresso Pan-americano, recentemente inaugurado em Havana, o refugio dos fracos e dos oprimidos: - é também a força dos poderosos e o prestígio dos grandes. Se a formula – prestígio à lei – que serviu a Victor Hugo para traçar um dos mais comovedores capítulos de sua obra imortal (...), fosse o lema de todo cidadão, qualquer que fosse a sua hierarquia social, o

desforço reacionário e a revindita, que costumam percorrer toda a gama do desvario, não poderia alçar o colo e pôr em pratica a sua ação nefasta, que começando na discórdia, pode ir ao exterminio.

CONDIÇÕES ESTRATEGICAS DA CIDADE

Grave acusação se formulou por se haver o Cel. Gomes Carneiro deixado ficar, á espera do inimigo, nesta cidade, cuja topografia, a qualquer luz que seja considerada é a menos estratégica possível.

Basta olhar para esses montes, arbustos uns e outros cobertos de alta vegetação, que lhe ficam a cavalheiro, e donde os sitiantees podiam, sem grande risco, metralhar os sitiados, para dar razão aos que assim pensavam. A increpação era, pois, inteiramente bem fundada; mas o chefe das forças armadas, como tivemos ocasião de nos

certificar, não era responsável por esse erro, que tão caro nos custou.

Tendo Carneiro recebido ordem para acampar nesta localidade e preparar-se para rechaçar os invasores que se aproximavam, fez ver ao Presidente da República os múltiplos inconvenientes de se imobilizar nesta situação, onde tudo era desfavorável á tropa e aos fins a que se destinava o exercito legalista.

A resposta que obtive, decisiva, foi para não abandonar a cidade, onde devia aguardar o reforço que lhe chegaria sem tardança.

Soldado disciplinado, sabendo que a ordem do superior se cumpre e não se discute, aqui ficou, MAU GRADO SEU, e contra a expectativa de muitos oficiais. Se o Marechal Floriano, grande admirador de Carneiro, conhecesse a péssima posição em que deixava o vero servidor da República, por certo

consentiria que ele fosse em campo raso enfrentar o inimigo.

Carneiro necessitava de espaço amplo, lato, para preparar e desenvolver um ataque formidável, onde então poderia patentear, em toda sua plenitude, a tática de emérito capitão, a sua atividade assombrosa e a sua intrepidez indômita.

A águia, que devia percorrer a amplidão em largos vôos e escolher um espaço dilatado para enfrentar o inimigo, ficou enclausurada entre muralhas que delimitavam um retalho de terreno, e aí encontrou ao lado de tantos lutadores, o seu último repouso.

CAUSAS DA INVASÃO FEDERALISTA.

Logo após a capitulação da Lapa, um dos mais graduados oficiais federalistas foi visitar a casa donde havia falecido o Cel. Carneiro, com o intuito não só de verificar a exatidão do seu desaparecimento, que se supunha simulado, senão também para receber os despojos

opimos do invicto soldado que ali havia exalado o derradeiro alento.

Tendo respondido a varias perguntas do famoso maragato, ousamos, por nossa vez, interroga-lo desta forma: -

“Coronel, o chefe supremo do partido federalista, no Rio Grande, declarou, em recente manifesto, que os revolucionários não depunham as armas, não abandonavam o campo da luta, enquanto estivesse vivo o tiranete Júlio de Castilhos.

Ora, Júlio de Castilhos já está governando o Rio Grande, cada vez mais forte e mais prestigiado. Como é, pois, que os Snrs. abandonam aquele Estado, invadem o Paraná, que nada tem com a revolução e vêm atacar-nos em nossos próprios lares?

Retorquiu-nos com a sua calma habitual, imutável, ainda quando mandava decapitar prisioneiros;

“O ideal revolucionário é hoje muito mais amplo, a nossa ação libertadora é mais patriótica. Vamos até ao Rio de Janeiro, e do Itamaraty (...) arrancaremos Floriano Peixoto, porque a vida hoje no Brasil é incompatível com o governo desse tirano. Pelejamos aqui, porque não nos deixaram livre a passagem para S. Paulo, onde vamos ser recebidos de braços abertos, e onde teremos todos recursos para seguir para a Capital Federal e tomar conta do governo. Os pica-paus da Lapa retardaram a nossa marcha”.

Em suma, vendo os chefes federalistas que os seus recursos estavam quase esgotados para sustentar a luta no Rio Grande, e acreditando nas informações de correligionários deste Estado, que aqui viriam encontrar facilmente todos os meios para prosseguir na campanha libertadora, para cá se encaminharam confiantes, não sonhando com a já hoje histórica resistência dos pica-paus engaiolados nesta praça, resistência que,

incontestavelmente, foi a causa precípua do malogro da insurreição.

Eles nem de leve imaginaram que, irmanados, nesta santa cruzada, militares e civis levariam a audácia, na defesa das trincheiras, às raías da insânia.

Obregon, “ o maior gênio militar do México”, disse recentemente que “cada dia que passa mais se convence de que a força militar de uma nação reside na coragem dos civis, dos cidadãos da República”.

Aqui, neste rincão paranaense onde se iniciou o epílogo da revolução de 1894, Obregon teve a confirmação de seu modo de sentir em relação ao valor dos patriotas estranhos à carreira militar.

Em verdade, durante o cerco patentearam uma coragem indomável – Lacerda, João Pacheco, Líbero Guimarães, AMYNTAS DE BARROS, José Charlot, Fidencio Guimarães, Henrique José dos Santos, Otto Rochendorf,

Faustino Riola, Emilio Blum e tantos outros, todos civis os quais fizeram jus á calorosa admiração de um militar do estofo de Gomes Carneiro.

DOIS HERÓIS EM UM SÓ CORPO

Snrs. Carneiro representou, 'por si só, em terras do Brasil, o papel de duas fulgurantes personalidades que cintilaram – uma, na história fascinadora da França (...), e outra, nos fatos da cavalheiresca Hespanha(...): Bayard e Palafox.

De fato, Bayard imortalizou-se pelo arrojo com que pelejava e pela magnanimidade após as vitórias, Seu coração era um sacrário de energias e de bondade. Sua alma era um repositório das mais acrisoladas virtudes.

Palafox, no sitio de Saragoça, impoz-se á admiração de todos pelo ardor e patriotismo com que se bateu em defesa da cidade gloriosa.

Não tinha momentos de repouso e nada o entibiava, nada o detinha no afam de libertar a praça do angustioso cerco.

Pois bem: - Carneiro foi ao mesmo tempo Bayard e Palafox: - valente e generoso como o primeiro, intrépido e patriota como o segundo.

PELO DEDO SE CONHECE O GIGANTE

Os homens verdadeiramente grandes não necessitam, para se extremar das mediocridades, que se lhe recordem todos os feitos vultosos e memoráveis; basta algumas das mínimas ocorrências de sua vida para os caracterizar de modo inconfundível. Percebe-se o forte latejar do pulso do gigante, ora em um simples episódio, ora em uma frase incisiva e oportuna.

Assim, “à bala” de Floriano Peixoto, ficará consignada na história com a excelsa consubstanciação do destemor irreprimível e

do patriotismo exaltado, capazes de salvar e glorificar qualquer nação.

Carneiro deixou também uma bela coleção dessas pequenas, porém grandíloquas amostras do seu gênio, que assinalam uma época e fixam um perfil para todo o sempre, as quais pretendemos dar à estampa quando para isso houver lazer.

O MONUMENTO RESGATA DIVIDA E É PENHOR DE CONCORDIA

Snrs. Este monumento não foi erigido nesta praça para servir de abantesma bélico, destinado a glorificar a carnificina que empapou de sangue esta cidade, nem tão pouco para reavivar e perpetuar os soluços convulsivos, os gritos lancinantes e os gemidos abafados dos que aqui sofreram e dos que aqui baquearam.

O supremo magistrado do Paraná não pretendeu, como disse Carlos de Laet, a respeito do que se tentou fazer em S. Paulo,

em homenagem á legalidade, “consubstanciar em faustoso monumento publico a vitória dos legalistas sobre aqueles dos seus compatriotas que, obedecendo a sugestões diversas, acreditaram servir a verdadeira causa nacional com a deposição do governo...”

Nada disso; - até porque a legalidade não triunfou aqui a 11 de Fevereiro.(...) O seu intuito elevado e digno de encômios foi, sem duvida, satisfazendo a aspiração dos nossos queridos patrícios, pagar uma dívida de gratidão que a República havia contraído com um dos seus mais fieis e devotados servidores que baqueou sobranceiro para que ela se erguesse avante.

A postura que ele mantem ali, ereta, firme, resoluto, parecendo dizer com entranhada convicção: - “Aqui não entrarão”, - deve despertar na alma de todos os brasileiros, amigos da sua pátria, o desejo ardente de seguir a trajetória deslumbrante desse

estrategista viril e impoluto, que salvou a nação do maior inimigo que a podia empolgar – a anarquia.

Acaba-se de fazer, como último tributo de vassalagem ao espírito de Carneiro, aquilo, justamente, que o duque de Caxias desejava se fizesse no Rio Grande para se comemorar a vitória dos legalistas contra os denominados Farrapos.

“O que se deve celebrar” disse Caxias “é uma missa em que, co-irmanados, todos os brasileiros possam chorar os amigos que perderam e pedir a Deus o acabamento das guerras civis”.

Enfim, Snrs. Esta estatua que de per si era bastante para constituir a fama de João Turim, se ele já não fosse um artista de renome, não foi aqui erigida para eterno vilipendio dos vencidos, nem esplendente glorificação dos vencedores, porque todos os que se aqui bateram, gregos e troianos(..), o

fizeram com heroísmo e extremo devotamento aos ideais políticos que abraçavam. Ela vai ficar aqui, guardada pelo carinho dos lapianos para que os brasileiros, inspirando-se no exemplo de Carneiro, se conservem irmanados na aspiração suprema de servir com desinteresse e com ardor a nossa pátria, elevando-a ao fastígio a que ela tem direito”.

A defesa da ordem republicana estatuída pela Carta de 1.891 foi efetivamente defendida pela heroica resistência da Lapa contrapondo-se aos argumentos dos federalistas e do inconformismo do contra-almirante Custódio de Melo, uma vez que os congressistas haviam legitimado a presidência de FLORIANO após a renúncia de DEODORO.

Durante os quarenta e hum anos de vigência dessa primeira constituição Republicana (1.891/1.930) transcorreram INTERNAMENTE várias revoltas: a do Contestado (1.912 / 1.916); a de Canudos (1.896 / 97); a tomada dos quartéis de São Paulo (1.924)... e no término de sua égide a revolução de 1.930(...) contra o presidente WASHINGTON LUÍS, impedindo a posse do constitucionalmente eleito JÚLIO PRESTES;

EXTERNAMENTE a revolução menchevique/bolchevista dita comunista na Rússia de 1.917; a primeira guerra mundial (1.914 / 1.918); e a quebra da bolsa de Nova York (1.928 / 1.929).

Vitoriosa essa propalada revolução de 1.930 (...), deposto o presidente, frisemos, constitucional WASHINGTON LUÍS, seu líder Getúlio Vargas sem convocar a Constituinte invalidou a Carta de 1.891, sem convocar a necessária CONSTITUINTE, compromisso que assumira com a ALIANÇA LIBERAL formada pelo PARTIDO DEMOCRÁTA PAULISTA, MINAS GERAIS E PARAÍBA, ultrajando a DEMOCRACIA REPUBLICANA BRASILEIRA, afrontando o princípio da constitucionalidade vigente desde, observe-se, a CONSTITUIÇÃO IMPERIAL DE 1.824 (...), passando a governar DITATORIALMENTE com o chamado grupo dos militares OUTUBRISTAS que em verdade haviam sido desterrados pelo presidente ARTHUR BERNARDES após o indisciplinado chamado levante dos 18 do forte de 1.922 (...).

Diante desse retrocesso constitucional os BRASILEIROS PAULISTAS se levantaram em 09 de julho de 1.932, após o assassinato de MARTINS, MIRAGAIA, DRAUZIO E CAMARGO, em plena praça da República – São Paulo por forças fieis ao ditador.

Entre as páginas heroicas dessa revolução citaremos em homenagem a todos os seus heróis JÚLIO MARCONDES SALGADO, General comandante da Força Pública Paulista, cujo curriculum muito se assemelha ao do General ANTONIO ERNESTO GOMES CARNEIRO ambos promovidos ao generalato post-mortem. Cabe a esta altura a menção de que o EXÉRCITO em São Paulo e Mato Grosso apoiou a REVOLUÇÃO CONSTITUCIONALISTA DE BRASILIDADE PAULISTA DE 1.932 que em verdade não deveria ter acontecido. Ao desfralda-la SÃO PAULO FICOU SÓ, apenas com o apoio de MATO GROSSO, uma vez que o compromisso de Minas Gerais e Rio Grande do Sul de apoiá-la fora quebrado por seus governadores OLEGÁRIO MACIEL e FLORES DA CUNHA respectivamente. Assinale-se que no Rio Grande do Sul contra a traição de Flores da Cunha, foram abertas trincheiras em Porto Alegre, após o manifesto da FRENTE ÚNICA GAUCHA DE INCONDICIONAL APOIO A SÃO PAULO subscrito por BORGES DE MEDEIROS (...), RAÚL PILLA, BATISTA LUZARDO, LINDOLFO COLLOR, entre outros, dominadas pelo Exército sob ordens de Flores da Cunha.

Após quase três meses de luta heroica (9 de julho a 1 de outubro), de 1.932, São Paulo que enfrentara o exército comandado pelo General GOIS MONTEIRO, assina armistício.

Os BRAVOS DE 32 foram vencidos tal qual operou-se com os BRAVOS DA LAPA, todavia, se vencidos pelas armas, foram vitoriosos pelas causas defendidas.

Na CONSCIÊNCIA DA NACIONALIDADE, indelével, para todo o sempre estarão consignados as batalhas em defesa da CONSTITUIÇÃO de 1.891 e consequente manutenção do sistema presidencialista, consolidando o Marechal FLORIANO PEIXOTO presidente da república, pela resistência heroica da LAPA comandada pelo insigne patriota ANTONIO ERNESTO GOMES CARNEIRO, e a volta ao REGIME CONSTITUCIONAL pela REVOLUÇÃO CONSTITUCIONALISTA DE BRASILIDADE PAULISTA DE 1.932, que obrigou o ditador a convocar a CONSTITUINTE de 1.934.

Na CONSCIÊNCIA DA NACIONALIDADE o denominador comum entre a RESISTÊNCIA DA LAPA DE 1.894 e A REVOLUÇÃO DE CONSTITUCIONALIDADE DE BRASILIDADE PAULISTA DE 1.932, tornou-se realidade histórica, sem paralelismo no seio da nacionalidade.

Lapa, 19 fevereiro de 2.018

Mariano Taglianetti,

**Presidente Associação Paranaense MMDC 32 e
Heróis do Cerco da Lapa.**